

INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.

Redacção e administração—Rua de S. Thiago 14 e 16

Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.



Condições d'assignatura

Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.

Publicações—Anuncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

GUIMARÃES 1 DE JANEIRO DE 1902

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS



Dr. Joaquim José de Meira

ENTRE os cavalheiros que compõem a nova camara que amanhã principia a administrar os peculiares interesses dos povos d'este concelho durante o triennio de 1902 a 1905 destaca-se (cremos poder dizel-o sem melindres de ninguém) a individualidade poderosa do sr. dr. Joaquim José de Meira, cujo retrato honra hoje a primeira pagina do nosso jornal.

De S. Exc.^a pôde dizer-se que possui em alto grau essa qualidade que segundo Juvenal devia ser aspiração constante de todo o homem: *Mens sana in corpore sano*—alma sã em corpo sem doença.

De facto d'elle não pôde dizer-se que tenha adoecido alguma vez, mas apenas que muito de longe em longe a sua grande saude pede curtissimas fèrias ao trabalho; de facto na multiplicidade das suas occupações tem-se revelado sempre além de uma intelligencia superiormente lucida e de um caracter nobilissimo, um homem em quem todas as boas qualidades se harmonisam e se equilibram por um tão raro modo que nunca o seu espirito soube que cousa fosse um excesso, para bem ou para mal.

Medico formado no Porto em 1880, foi distincto n'um curso brilhante como outro não teve ainda a Escola d'aquella cidade.

D'elle fizeram parte Julio de Mattos, Franchini, Tito Fontes, Adelino Costa, Edmundo Machado e

alem de outros, José Augusto Vieira cuja morte foi uma grave perda para a nossa litteratura.

Director e professor na Escola Industrial Francisco d'Hollanda, desde 1885, é dos poucos que soffreram as trabalhosas fadigas de um concurso.

Procurador á Junta Geral do Districto com os srs. Conde de Margaride e José Martins de Queiroz foi como elles alvo de um attentado estupidamente barbaro dos arruaaceiros de Braga.

Por essa occasião pôde s. ex.^a avaliar nas manifestações espontaneas que toda a cidade lhe fez, e aos seus collegas, o quanto era já amado e estremecido pelos seus concidadãos.

De então para cá a cidade não tem desmerecido do conceito em que elle a pode ter nessa occasião e o seu nome é proferido com respeito por uns, por outros com veneração.

Quem o conhece como medico, descança confiadamente na sua sciencia e na sua longa pratica, quem o conhece como professor admira a clareza do seu methodo de ensino e os extremos da sua paciencia; mas quem o conhece como amigo tem de confessar a raridade do seu caracter honestissimo e o alto valor da sua amizade inquebrantavel.

De resto s. ex.^a tem procurado sempre corresponder de um modo superabundante á estima em que é tido.

Regenerador e amigo do sr. Conselheiro João Franco como o eram ha bem pouco tempo todos os regeneradores de Guimarães, não o abandonou

sob qualquer pretexto quando foi do rompimento de maio ultimo.

Presidente da Sociedade Martins Sarmento desde 1899 foi elle, com uma direcção zelosa e diligente, auxiliada por todos os que em Guimarães amam a sua patria, quem conseguiu a celebração das festas de 1900 com que a cidade que decididamente não é de ingratos prestou homenagem a um morto sempre vivo em todos os corações.

O Azylo de Santa Estephania, piedoso instituto de protecção a creanças orphãs, deve-lhe muito tambem, e a dois outros benemeritos o nobre Conde de Margaride e o sr. José Joaquim da Silva Guimarães.

S. ex.^a naturalmente indicado para presidente da camara vae fazer um logar que ficará celebre nos annaes da nossa edilidade como justo, recto e providencial.

Terá de trabalhar muito porque toma conta de uma herança desoladora mas ha tudo a esperar da sua energia e das suas aptidões de trabalho que não conhecem limites e de resto s. ex.^a não é novo na camara pois que foi já seu vice-presidente nos annos de 1887 a 1892.

Que a modestia de s. ex.^a nos perdoe estas palavras nascidas do coração de quem mais do que ninguém o admira porque mais do que ninguém tem o dever de o admirar.

NOVA CAMARA

Toma posse amanhã a nova camara eleita por este concelho em 3 de novembro passado.

Contando entre os seus membros alguns dos homens mais distinctos de Guimarães, estamos plenamente convencidos de que deixará assignalada a sua passagem iniciando muitas das importantes reformas de que tão carecida anda a nossa terra.

Não nos permitindo a falta de espaço o alongar-nos, nas poucas linhas que nos restam felicitamos de todo o coração o illustre senado desejando-lhe mil venturas n'esse lugar, que mercê da maldade humana, não é de todo isento de sensaborias e desgostos.

Terminamos soltando o braço que hoje sobe do coração aos labios de todos os vimaranenses:

—Viva a nova Camara!

UMA TRADIÇÃO DO NATAL

Todas as cathedraes pelo prestigio da antiguidade que as torna memoraveis e na imponencia das linhas architectonicas que as ostenta interessantes, tem as suas tradições reveladoras da vida religiosa do nosso povo.

Com este titulo—Tradições piedosas das seis portuguezas—que delicioso livro poderia escrever-se!

Aquella formosa sé d'Evora com as elegantes rosaceas, os seus bellos arcos ogivales e a capella mór do tempo de D. João V; a de Lisboa com a sua typica charola, a de Vizeu com os quadros de Gran Vasco e o bello gradil do côro, a da Guarda com o seu retabulo de jaspe, a de Faro com os perystilos semi-arabes, a de Braga com o seu formoso côro, a do Porto com o altar de prata, a de Coimbra com os seus primorosos azulejos, a de Lamego com a sua apparatusa frontaria, a de Miranda com a sua severa construcção granitica e a de Portalegre que recorda as liberalidades de frei Amador Arrays: todos esses monumentos religiosos, mais ou menos transformados pelas reconstrucções pouco cuidadas, tem muito que estudar na poesia da creença que os envolve.

Eu sonho muitas vezes e deixo esvoaçar a minha phantasia por esses mysterios que os seculos passados revelam, quando passo pela mente as impressões que tive ao visitar esses monumentos da piedade christã do nosso povo; creio-

me transportado a essas epochas em que a luz escassa das velhas cathedraes se celebravam as edificantes solemnidades do culto na noite de Natal, quando o som harmonioso do orgão enchia as amplas naves, o vento uivava cá fóra no rendilhado das torres e dos botaréos, o prelado celebrava a *missa do gallo* e o povo reverente, mal divisando os santos que sob formosos baldachinos adornavam as misulas, só fixava os olhos na singularidade do presepe em que adorava o Deus Menino: calculo todo o adoravel encanto d'essa enorme solemnisação que inundava com santas alegrias e doces commoções o coração dos crentes!

O modernismo anda por ahí fóra a transformar tudo; com o seu camartello vai destruindo preciosidades architectonicas e com a feição de estrangeirismo até vai mudando a classica ceia de familia pela moderna *arvore do Natal*: mas o culto patriótico hade lamentar-se com funda magua ao ver tão bellas tradições esquecidas, tão formosos costumes obliterados, como eram as velhas celebrações catholicas dos portuguezes na noite de Natal! O que eram as cariciosas festas de familia. O que era outr'ora o culto imponente das nossas cathedraes!

Ahi vai uma tradição que andava esquecida e um livro recentemente publicado veio avivar. Trata-se da sé da Guarda, não do actual edificio que em suas imponentes bellezas denota a munificencia regia e a solicitude dos bispos D. Affonso Correia e D. Vasco de Lamego; mas da antiga cathedral que a precedeu. A tradição é simples, mas encerra um valioso interesse historico.

Em um dos annos do seculo XIV da era christã celebravam os conegos da sé da Guarda a edificante solemnidade do Nascimento do Redemptor, e apesar do frio e da chuva, o povo apinhava-se no santuario religioso onde por alta noite se cantavam ao *Matinas*. Ao terminar esta parte do *Officio Divino* e aproximarse a celebração da *Missa do Gallo*, um ruido enorme perturbou a assistencia: era a chegada de D. Gil de Vianna, que tendo sido confirmado em Roma como bispo da diocese, viera quando menos o esperavam tomar conta da sua cadeia.

Alvoracaram-se os conegos com a inesperada visita e perguntaram ao novo prelado como tão rapidamente ali vinha; ao que elle respondeu que, tendo sido provido em Roma pelo Papa Gregorio XI, na vespera do Natal mostrara desejo de completar todo o seu gosto se pudesse estar na noite d'esse dia a celebrar o Nascimento de Jesus na séde do bispado para que era nomea-

do, e que a vontade lhe fóra feita, pois appareceu logo um *hoste romano* offerecendo-se para o acompanhar na rapida jornada que fez montado em uma mula; para prova apresentou as bullas da nomeação, e sacudindo a capa, dizia que trazia ainda os signaes da neve que estava cahindo nos Alpes.

Na *Corographia portugueza* onde o padre Carvalho da Costa cita este caso, parece levantar-se uma duvida sobre o modo como foi interpretada a feição miraculosa d'essa tradição. Diz assim o sabio escriptor:—D. Gil de Vianna governou o bispado um anno e trez mezes; e se pode presumir que Deus o quiz castigar na brevidade do governo pelo que d'elle se conta, e começa d'ahi a referir o acontecimento.

Este termo «castigar» indica as duvidas com que vinha envolvida a tradição d'este bispado, que foi o que assistiu ao casamento de D. Pedro I com D. Inez de Castro. Essas duvidas permanecem porque é muito pesado o manto de seis seculos que poisa sobre esta curiosa tradição.

Padre F. J. Patricio.

ANNO VELHO E NOVO ANNO

Pela primeira vez, no decorrer do grande drama que se chama Vida, do obscuro cantinho que a Sorte lhe reservou, o «Independente» assiste ao cair do panno sobre um acto que finda com o terminar de um anno.

Como todos, de ha muito a esta parte, para nós, os de estes reinos, o anno defuncto passa sem que uma saudade o lamente, sem que uns braços desolados o tentem reter na ancianidade dos que veem fugir aquillo que adoram.

Semelhante ao anno que o procedeu, deixando ao seguinte todas as probabilidades de uma egualdade monotona, trouxe aos portuguezes os desvairados terrores e os mais desvairados do sr. Hintze, e aos vimaranenses a perda de dois homens de raras qualidades que, por insubstituiveis, hão de ser chorados muito tempo.

De um, traiçoeiramente varado por uma bala, muito se tem dito de bem, mas nunca bastante porque ha muitos annos que esta terra lhe devia tudo.

Do outro, arredado da politica, mas querido como devem sel-o os que n'uma cidade destaeam pela sua intelligencia e pela largueza da sua erudição, diremos apenas, como elogio simples, que modesto e bom foi um dos que, fundando a Sociedade Martins Sarmiento, dotaram Guimarães com um monumento que

lhe permite occupar um logar honroso entre as cidades que presam o estudo e a instrucção do povo.

O anno que chega (oxalá que respeite os nossos homens illustres) antolha-se-nos um pouquinho melhor.

Não teremos eleições da camara com o sr. Faria a extrahir do bolso interior do jaquetão demissões de regedores, não se mandarão transformar as ruas em lamaças, para utilidade dos bichos, um municipio novo composto de homens trabalhadores vai occupar o seu lugar, diz-se que haverá luz electrica por artes da camara passada (ó-inaravilha) e de mau, de horrorosamente mau, apenas vemos a quarta prestação do Banco de Guimarães abrindo a guela voraz.

Litteratura

A noute do Noivado

*O primeiro conviva, em punho a taça,
Ergueu-se lentamente, e com voz rouca,
Bradou: Amigos! consenti que faça
Uma saude á Morte—a velha louca!*

*A minha historia é triste e muito pouca!
Eu como vós, sou filho da desgraça,
Amei uma só vez. Que mimo e graça!
Oh que pó andaluz! que olhar, que boca!*

*Na noute do Noivado—ouvi, devassos!
Beije-a doudamente entre meus braços,
E, atire-a no mar, tremula e nua!*

*Ninguém não mais a gosará um dia!
Reposa ali a minha noiva fria,
Guardada pelo olhar frio da lua!*

[Gomes Leal

RUINAS

*Morreu-me a luz da creença—alva cecem,
Pallida virgem de luzentes tranças
Dorme agora na campa das creanças,
Onde eu quizera repousar também.*

*A graça, as illusões, o amor, a unção,
Doiradas cathedraes do meu passado,
Tudo cahiu desfeito, escafoverado,
Nos tremendos combates da razão.*

*Perdida a fé, esse immortal abrigo,
Fiquei sozinho como heroe antigo
Batalhando sem elmo e sem escudo.*

*A implacavel, a rigida sciencia
Deixou-me unicamente a Providencia
Mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo.*

Guerra Junqueiro

*O Virgens que passaes ao Sol-poente
Pelas estradas ermas a caudar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.*

*Canta-me, n'essa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A furtura da seara reluzente
O vinho, a Graça, a formozura, o luar!*

*Canta, canta as limpidas cantigas
Das ruinas do meu Lar desiterraes
Todas aquellas illusões antigas*

*Que eu vi morrer n'um sonho como um ai
O suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me n'essa voz... Canta!*

Antoni. Nobre

CAMILLO

Camillo, como Zarathoustra de quem conta a lenda que rira ao nascer em vez de chorar por toda a parte na sua tão vasta e tão luminosa obra substituiu ao pranto dolorido a gargalhada bem mais lacerante, nascida do esforço com que sustinha as lagrimas.

Mais uma vez se mostra esta feição do seu espirito na carta inedita que segue, onde o riso surge, como commentario á sua doença, aos accidentes da sua vida e aos volumes da sua obra.

Não tem data, mas é de 1880, escripta pouco depois d'aquella enviada a Ernesto Chardron inserta na «Defeza dos livreiros» com o numero IV das relativas á *Senhora Rattazzi*

Era dirigida ao fallecido archeologo Dr. Martins Sarmiento de quem Camillo foi um grande amigo.

Ao nosso glorioso patricio dedicou os volumes *Região* e *De Bem Jesus de Nôvo*. Com elle escreveu em 1886 o *Chulo ás creanças* e a elle se refere sempre com palavras de amizade nos *Esboços de applicações litterarias* no 1.º numero dos *Sellos humoristicos de Dinhe* e no volume 1.º das *Memorias de Carreira*.

Quando andou occulto em 1860, Camillo hospedou-se algum tempo na quinta de Britteiros e disse do dr. Sarmiento que tendo procurado um conhecido achára um amigo como raramente uzam ser os irmãos.

A carta ali vai, sem mais preambulos crendo nós que estas palavras que a precedem nunca poderão ser suspeitas da mesma intenção que todos se acostumaram a ver nos livros de um homem que, tendo vivido na intimidade do grande prosador, se tem desentranhado, depois de elle morto, em volumes successivos sobre o seu romance, os seus amores e os seus netos, aferrando-se áquella memoria colossal como um lichen se agarra a um carvalho.

Meu presado F. Martins

O peor é a falta de saude; que a santi.^o da maledicencia tenho-a eu como um Paulo no areopago de Athenas. Que saudades eu tenho dos meus dias em q. trabalhava 10 horas! Hoje, sempre na cama, escrevendo a lapis, e de costas, isto, além de plasticam.^o ridiculo, é incommodo. Fui ao Porto, onde estive 4 dias á espera dos promettidos emissarios d'um tal Rutte, marido 3.^o da princesa Rattazzi. Quiz prevenir que aqui viessem alvorocar-me a fam.^a como ha pouco succedeu com os enviados d'um tal Jardim. Afinal, retirei-me nem mais são, nem m.^o pôdre do q. fui. Veja a 2.^a ed. do meu folheto Rattazzi—Não lh'o ma ido p' q. não o tenho.

Estou a ver se esbandalho a fam.^a do Euzebio Macario.

As m.^os cans pejam-se d'esta brincadeira. Tomo nota dos func-

cionários que me recommenda. Ahi, agora está um juiz m.º ortho-doxo; decerto não foi elle que esbulhou o herdeiro do abb.º ou p.º isso m.º o esbulhou.

Do seu am.º

C. Castello Branco.

LITTERATURA FEMININA

Castigo dos incredulos

Laura era feliz. Incredula ao amor, coquette e despreocupada, passava a vida pensando em toilettes, e na valsa, que adorava. Para ella não havia tristeza, e cecia era sempre azul, e nunca uma nuvem mais escura lhe annunciou tempestade.

Mas como diz o rifão: — Não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. Um dia recebeu uma carta de um rapaz em que lhe declarava o seu amor: teria então o auctor da carta os seus trinta e dois annos, passados em orgias, rindo-se das paixões e das lagrimas que fazia derramar ás pobres mulheres, a quem dilacerava o coração.

Comtado Henrique, homem ci-nico e volúvel, habituado a ser amado, e nunca amar, tremia ao escrever a Laura.

E porque?... Porque lhe ti-nha chegado a sua vez de amar sinceramente, e temia não ser correspondido! Os seus receios eram bem fundados.

Como dissemos Laura leu a carta; e no meio de hilariantes gargalhadas disse ás suas amigas: — Elle cre tanto em amor como eu, e tenta declarar-m'º; quer mais este passatempo! Não faz mal!...

Tambem me não desagradava a vida sem estas coisas é monotona; e começou escrevendo. Quando finalizou a resposta, uma das raparigas disse-lhe cheia de enthusiasmo: — E's uma verdadeira actriz! Essa carta está escripta n'um estylo tão vehemente e apaixonado, que se elle realmente está, como diz, louco de amor por ti, mais louco fica lendo essas phrases, que o farão erer piamente que o teu coração lhe pertence; e verás que esta comedia vai dar n'um drama.

Laura deu como resposta uma das suas costumadas gargalhadas.

Decorreram alguns mezes. Na mesma sala em que se deu a scena que acabamos de narrar dava-se agora uma outra por entre lagrimas e suspiros.

— E' certo que nos vais deixar, Laura?

— Sim; e para sempre. Só agora comprehendi o quanto me amava Henrique, e eu fiz a sua infelicidade, alimentando as esperanças do seu amor, não o amando!

O desgraçado suicidou-se; e eu é que fui a causa do seu suicidio. Desde então não me foi possível ter mais um momento de socego, e para meu maior castigo quiz Deus que eu amasse um homem que só sente por mim fria e gelada indiferença.

Apesar d'isso, amo-o! amo-o com todas as veras da minha alma! E não me sendo possível mais vel-o, parto amanhã para França, onde vou professar, e na solidão do convento, arrastando o pesado fardo do remorso, e chorando as minhas illusões perdidas, encontrarei descanso, e perdão do mal que fiz ao unico homem que me amou. Adeus; não duvidem do amor, e lembrem-se que elle nos dá uma morte lenta, mas horrivel, arrancando-nos, uma a uma, as fibras do coração.

Magnolia.

Morto...

(A minha mãe)

Anjo,—que ao seo apertas teu filhinho, cheio de amor intenso e de carinho; Teu enlevo suave é doce encanto que assim te faz verter amargo pranto; mulher que a vida transmittes á creança, a esse ente querido, á pomba mansa que em teus braços sustentas enlevada n'um arroubo feliz, enamorada —, como é tão bella oh! mãe essa missão! como é tão nobre, altivo o coração que um tal amor produz! como es ditosa quando beijas os labios cor de rosa do teu amor tão lindo, innocentinho! anjo, que ao seo apertas teu filhinho!

mas desperta oh! mãe, que o teu filho amado, que em teus braços sustentas 'stá gelado, 'stá morto, não tem vida o teu amor! E tu, mulher, entregue á tua dor! não acordas, não vez que já murchou a flor tão linda que de ti brotou, que morreu para sempre esse anjo qu'rido, Tão puro, tão formoso estremecido?! não vez que não tem brilho o seu olhar?! não sentes nos teus labios, ao beijar os labios d'elle, um frio glacial?! não vez no rosto a pallidez mortal?! não vez que o seu olhar já não tem brilho? Desperta...oh! mãe, desperta! olha teu filho!

Tu não me ouves! não sentes grande máguia! não vejo esses teus olhos rasos d'agua, como quem soffre muito, deve ter, E tu mulher serena, sem verter Uma lagrima de mãe pura, sentida, P'la creança, em teus braços, já sem Vida, P'la teu amor tão bello que morreu...! Levanta o teu olhar, eleva-o ao Ceu E reza, por teu filho, uma oração Por alma d'esse amor, que no coração apertas com ternura e com prazer, mas tu não me ouves! oh! não! não pode ser! não vez que o seu olhar já não tem brilho? oh! mãe acorda! que morreu teu filho...!

E a pobre, a triste então a fronte erguera E fez—Ah! Ah! 'Stá morto!—Enlouquecera

Porto, 12—12—901.

Jove.

BIBLIOGRAPHIA

Albano Bellino

ARCHÉOLOGIA CHRISTÃ

Descrição historica de todas as Egrejas, Capellas, Otorios, Cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães. Illustrado com 66 photogravuras dos monumentos mais notaveis das duas cidades do Minho, e com um retrato do Auctor.

Lisboa, Empresa da Historia de Portugal, 1901, XI, 290 pag. Preço 1:000 réis.

Como que servindo de moldura á extensa e magnifica serie de quadros constituídos pelas descrições illustradas dos monumentos religiosos, vae o snr. Albano Bellino recordando pelo seu livro fóra alguns factos interessantes relativos á historia e ao movimento religioso dos diferentes seculos.

Mas fal-o por uma forma tão natural e n'uma linguagem tão agradável que uns pequenos esboços, longe de prejudicarem as pinturas que formam a trama organica da sua nova obra, dão-lhe ao contrario notavel realce.

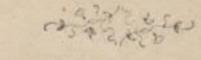
Essas notulas, ao mesmo tempo que são por assim dizer um esmalte espiritual em muitas das suas paginas, revelam intensamente o fundo idealista, dir-se-ia mystico, do Auctor.

As descrições em regra, pela amenidade do estylo, pelo lucido methodo d'exposição, pelo medito de muitos detalhes, são primorosas. Algumas são tudo o que ha de mais interessante, até pelo ingenuo pitoresco d'algumas passagens anedocticas com que o Auctor afugenta a monotonia em que tropeçam muitas obras do genero. Citaremos, como exemplo, as paginas relativas ás Egrejas de S. Miguel do Castello e Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

E' de justiça accrescentarmos que o novo livro do snr. Albano Bellino não é sómente uma valiosa obra de compilação, reveladora das emeritas qualidades de trabalho do Auctor. O snr. Albano Bellino expõe ahi algumas investigações proprias graças ao seu talento d'epigraphista experimentado, e graças sobretudo ao seu gosto educado e penetrante pelas cousas antigas.

Mas, como se isso fora pouco, a obra do snr. Albano Bellino assignala um alto espirito patriótico. Na verdade é forçoso confessar que, por mais instructivos que sejam estes estudos e por mais nacionaes que sejam as cousas que tracta, elles difficilmente commovem a alma popular. E portanto a edição d'um tal livro embora illuminado por esplendidas photogravuras, representa sempre um rasgo benemerito.

O snr. Albano Bellino é pois merecedor das nossas mais admirativas felicitações pela publicação d'uma obra que tanto enaltece o seu nome, aliás já bem conhecido entre as pessoas que se interessam pelos estudos archeologicos.



...POR TABELLA

—Então o menino hoje traz a lição sabida?

—Trago sim senhor.

—Ora vamos a ver.

Diga-me: Quantos são os factos mais notaveis do reinado do sua excellencia?

Guerra com sua mãe; batalha de Campo d'Ourique; batalha de Cerneja e Arcos de Val-do-Vez...

—Não foi isso que lhe perguntei.

—Ah! temos: a expulsão dos Jesuitas e a fundação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro...

—Repare bem na pergunta que lhe fiz e não diga tolices.

—Eu estudei.

—Não parece. Vamos, diga: Quaes são os factos mais notaveis do reinado do sua excellencia.

—Temos: O grande movimento dos abbades.

A criação do corpo da policia... da Central. E' prohibido andar sem lenço... A baixa das acções do Banco de Guimarães, cinco ó pataco, como as sardinhas na Praça. A fugida do caosinho Fox... para Fafe...

—Ainda temos mais.

—Então diga, ou é preciso estar-lhe arrancar as palavras da bocca?!

—A nomeação d'um amanuense da Camara de Braga, para secretario da Camara d'este concelho.

—Muito bem. Ora diga, quem diz o menino a este respeito.

—A este respeito, sr. professor, diz o paisinho que Guimarães é uma bella madrastra e uma fraca mãe. Diz qu'os de fóra é que agurram tudo.

—Não falla mal o snr. seu pae. E não lhe disse mais nada?

—Disse que para os da terra estavam sempre verdes e tudo eram difficuldades...

—Então o seu paisinho não lhe fallou do sua excellencia, do grande patriota?

—Fallou sim senhor. Elle disse... disse... que... que...

—Tres vezes nove vinte e sete nozes fora-nada—zero—cifra.

—Que diabo de barulho é esse?! Os meninos não veem que estou a tomar a lição a este aluno?

—O' snr. professor!

—Que quei?

—Os companheiros estão a dizer o que disse o paisinho; Que tres vezes nove, vinte e sete nozes fora nada.

E olhe que tem razão o senhor seu pae!

—Dá licença d'ir lá fora?

—Está lá um.

—Não posso soffrer... snr. professor, estou muito apertado...

—Já lhe disse que está lá um.

—Meninos: amanhã começam as ferias, não façam tolices e estudem. Olhem que ha desconfianças de ser nomeado um novo sub-inspector. Estudem os verbos e a Taboada; a Prododia quero-a na ponta da lingua. Podem sahir.

—Se bença?

—Dá-me a sua bença?

—O Senhor os abençoe a todos. Ai é verdade, já me ia a escapar: Digam aos Papás que lhes desejo muito boas festas na companhia do Deus Menino...

—Do de S. Domingos?

—Não, do que está no ceu.

—Eu digo.

—Eu tambem digo.

—A minha mamã já disse.

—O meu Papá tambem disse, mas estava a espera da sorte grande para mandar um almude de azeite ao snr. professor.

—Não é preciso incomodos.

Eu fui sempre muito amigo dos meninos, pois não fui?

—Sim senhor. Dois dias antes das ferias— é uma amizade... extraordinaria!

—Ora vão, vão quietinhos.

—Adeus senhor mestrinho.

—Adeus meus meninos.

Não se esqueçam... Boas-festas na companhia do Deus Menino e que a sorte saia a seu papá.

—Adeus senhor mestrinho.

—Vão com nossa Senhora, vão.



CHRONICA

Já está na nossa terra o bando de rapazes que frequenta os cursos superiores. Já chegaram esses pedaços d'este povo, alegre, cheios de mocidade, que vêm no seo de suas familias e nos braços das suas namoradas, descansar dos trabalhos arduos do cerebro.

Ferias! epocha anciada pelos que estão longe e pelos que cá ficam; epochas isoladas cuja distancia intermediaria é contada, pacientemente, pelos calendarios, com riscos a tinta: faltam 15 dias, faltam 8, faltam 4, é depois de amanhã, é hoje...

Grita-se, brinca-se, ausentam-se por um momento as maguas, abandonam-se os cuidados.

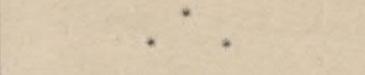
Nas vespas da chegada dos rapazes, as meninas, depois da missa, quando fazemos seus cumprimentos ridiculos á porta da igreja, interrogam-se mutuamente a respeito dos seus namoros: o meu Neca chega no domingo ás 11 horas, diz uma; o meu Antonio, ás 3, responde outra; e o meu disse-me que me havia de trazer uns palitos de Coimbra, intervem uma terceira; e assim por diante, com suas referencias banaes e ridiculas de mulheres que não sabem o que é Amor, que têm namoro porque é da moda tel-o, que se amanhã fosse móda andar de calças á mostra ou dar pinotes tambem o faziam, e assim por diante, repito, é que ellas fallam a respeito dos seus namorados que estão prestes a chegar.

As mamás, em casa, ao jantar, dizem aos papás que é preciso mandar fazer umas botas para o Raul e botar uns tacões noutras. Estes não estão muito por a conta, porque o menino Raul portou-se mal, deo umas lições más e consta-lhes, foi ao prégo. Mas a mamã emprega os seus ardis e lá se mandam fazer as botas e lançar os tacões. E é isto o que se passa cá por dentro, enquanto nós tem grãda algazarra, troçamos

dos velhotes; resultado: ridiculo cá e ridiculo lá; tudo ridiculo.

Chegamos, depois; e ao entrarmos na cidade, acompanhados das nossas malas cheias de piugas e ceoulas, os commerciantes chegam-se á porta, em chinellos, a vêr-nos passar, as sopelras param no meio da rua, as donzellas assomam á janella, compoendo o cabello, mostrando um sorriso falso. E depois, á noite, alta noite, vai um, vai outro e outro conversar com Fulana, ou Sicerana, ou Beltrana; vão todos intrujá-las, contando aventuras que lhes não succederam, narrando partidas que não fizeram, proferindo piadas que não são suas. E ellas, as doidinhas, acreditam, e vão para o leito pensando no seu Duarte, ou no seu Julio que é muito fino e muito pandego.

E é iste a verdade, deixemo-nos de intrujices, é preciso que isto se diga. No geral, meus caros amigos, de norte a sul do paiz, os estudantes vivem de intrujar os papás e as meninas e de... (é doloroso) e de ser intrujados por estas e por aquelles.



Outro assumpto:

Corria p'r'ahi que o snr. Luiz de Freitas, homem que se julga superior a todos nós, os rapazes de Guimarães, não responderia á minha chronica pela imprensa, mas simplesmente com uma querella imposta ao semanario o Independente que m'a tinha publicado.

Porém, s. ex.º abanou com a cabeça e considerou que seria melhor primeiro escrever.

E fê-l'o; mas bem desastradamente porque se enterrou ainda mais do que estava.

Eu já esperava resposta sua, porque o vi, ha dias, na redacção do Commercio de Guimarães, sentado á banca, a escrever.

Se o que s. ex.º estava a fazer era a compôr a resposta, não sei; se o era, a redacção que lhe mande o recibo do papel e da tinta que gastou porque é natural que s. ex.º não tivesse esses elementos, os unicos (para s. ex.º) necessários para fazer uma resposta: ideas é coisa que não tem.

Tira espaço ao Commercio de Guimarães com aquella carta mal-dita e inconveniente (para s. ex.º, é claro), espaço, ás vezes preciso para algum annuncio a 40 réis a linha, e ainda tem a desfaçatez de pedir desculpa á redacção.

Diz que foi insultado e diffamado por mim no—Independente—jornal... primeiro, pergunto: diga onde o insulto e a diffamação se é que o snr. sabe o que quer dizer diffamação; segundo, o Independente não é jornal, é semanario o que não é a mesma coisa, isto já o disse, ha annos um rapaz posso conhecer, na Parovozia, pamphleto ou como queira chamar-lhe que se publicou aqui em Guimarães.

Apresenta, depois, com ares de pimpão, trez processos de desaffronta: «pena de talião, chicote e os tribunaes»; chicote! que bem apanhado é o snr.; por mais que queira com aquellas lindas barbas infundir respeito ás creanças como eu, cada vez mais riso nos causa. Repare, snr. Freitas, que não o tomarei a serio enquanto assim se portar.

Reconhece (ainda bem) que o meio de desaffronta pelos tribunaes, tem inconvenientes; eu conhaço um: o ser ultra-ridiculo.

Com o periodo que escreve depois, não percebe bem onde quer chegar; talvez me offereça com o tal chicote, talvez; que diabo; seja franco, homem.

Diz que a causa do meu insulto foi o ter empregado mal o termo verde; (elle diz que o empregou com propriedade, em continuo dizendo que foi mal). Não sr; não foi essa a causa; a razão foi o sr. ter entrado disfarçadamente na

minha vida particular; e o sr. felo-
tam conscienciosamente que se des-
culpou perante alguém.

Com aspirações a irónico diz: *espantoso e horrível crime!!!*; mais pontos de admiração sr.; estes não chegam; mais, mais uma duzia d'elles.

Mais o sr. Freitas não contente com o ter asneado uma vez, fál-o ainda agora, pois diz que todos os dicionários d'o a palavra *verve* o significado de *Larousse*.

Primeiro (vã lá mais esta lição de graça) a palavra *verve* é franceza, e por isso não me consta que os dicionários portuguezes a tragam.

Já sei o que o sr. Freitas responde; é que se quer referir a todos os dicionários francezes; mas, ó homem, essa não é a questão! trata-se de saber o que *verve* quer dizer cá em Portugal; não se falla na sua significação lá fóra; de resto, o amigo não escreve para os habitantes da Patagónia nem para francezes; percebe?

Segundo: *verve*, no sentido em que toda a gente de senso, em Portugal, a toma, quer dizer piada, ironia, etc.

Porisso é que se diz: Fiálho, Ega, Camillo têm *verve*. Adiante.

Diz que «eu não tinha nada com que elle empregasse esse termo; não, isso é que tinha, amigo: é n'en o dever não deixar passar sem repito as maneiras que se dizem, mórmente quando é a minha pessoa que faz com que os outros as profiram; não é impune-mente que se escrevem barbaridades.

Ouçã lá: porque é que eu perdi uma boa occasião de estar silencioso? por via do *chicote*? Não hade haver duvida: o sr. não será tam cruel que me faça mal...

Diz que «eu não apresento os motivos da injúria e as provas de accusação». Isto já cheira a bacharel; cautella sr.: parece-me que quer subir depréssa de mais.

Apresenta nos, a seguir, dois períodos em que falla das *sebtas* e do beneficio d'ellas; effeitos de ter passado no primeiro anno; feliz...; eu e outros desgraçados ficamos a chuchar no dedo porque somos uns alárves, não é assim?; e diz o marôto que não entra na minha vida particular.

Quanto ao sr. dizer que eu enterrei a carapuça que fez sem ser para mim, já lhe disse acima o que devia: o sr. pretendeu alvejar-me e tanto que se justificou perante alguém que lhe disse ser uma infâmia fallar em tal; mas o sr. é teimoso; que lhe hei-de fazer?

Em diversos lugares da epistola chãma-me creança e ingénuo. E' verdade, talvez; mas o pior é que são as creanças quem com a sua ingenuidade põe á mostra muito cancro e quem com essa mesma ingenuidade expõe á irrisão publica todos os ridiculos que lhe apparecem.

Terminando: o sr. Freitas julga-se offendido por eu lhe chamar *patife*; e julga-se offendido porque não sabe, talvez, o que quer dizer *patife*; eu digo-l'ho: quer dizer: marão, marôto, brejeiro; ora quantas vezes não tem o sr. chamado brejeiro e marão e marôto ao seu melhor amigo? confesse, sr. Freitas.

De resto, continúo na minha: ou o sr. Freitas foi no *Larousse* (ou a outro qualquer dicionário francez, não importa) e n'esse caso, pretendendo armar-me um laço, praticou um acto indigno; ou não foi e então disse uma destas barbaridades indesculpaveis que revelam a ignorancia mais crassa. E a virgula, ó sr. Freitas?

Moita, carrasco...

Adens e obrigado pela respôsta.

Guimarães 24, de dezembro de 1901.

Prometheus.

ROSITA

A Rosita teve sempre má vontade ás alegrias. Só em chorando é que estava bem. Alguma coisa que lhe podesse dar contentamento fugia d'ella. Parece que Deus fizera aquelles olhos verdes para chorar. Ninguem, nem as proprias estrellas pela noite adiante, lhe conhecia um estouvamento, um riso só que fosse. Quando ceifava, entre o ouro deslavado dos trigos, as papoulas diziam-lhe em segredo:— «Ri-te, como nós...»

Mas a boa da Rosita tinha uma estrella no Ceu, uma estrella linda como os amores que lhe dizia, tambem em segredo:— «Chora como eu...»

E ninguem conhecia amores á Rosita. Fugia de feiras, d'arrayacs e de folias. E não era porque fosse feia, não: era mais linda do que as cousas lindas. Que o dissesse a urze do monte quando lhe molestava os tornozelos.

Um dia cansado de a ver triste, o pae assentou-se junto d'ella sobre uma velha arca de fecharias de ferro e entrou de lhe fallar:

—Rosita:—ou trazes mal d'amores, ou não sei que te diga: tu não arranchas com as outras, pequena! Já por'hi andam a rosmeiar na terra.

A mãe feirou uma saia nova para ti: has de ir ao arrayal e ha de ser por força.

—Não vou, pae: tenho medo!

—Os moços não te comem com os olhos pequenos!

—Não entre a arrazoar, pae. Eu não quero contentamentos nem saias novas.

Quero-me para aqui sosinha connigo, esmadrugada de folgedos.

—Tivera eu dinheiro, que te mettia a freira!

—Quem dera, pae! Eu sempre cuidei que depois d'um contentamento vinha logo uma desgraça: é por via d'isso que me alheio d'alegrias por não cahir em tristezas. Veja as outras pae: hoje folgam, amanhã, todas ellas são lagrymas. Não quero ser alegre para não ser triste ao depois.

E a boa da Rosita, com os braços remangados foi amassar o pão.

Julio Dantas.

FRAGMENTOS LITTERARIOS

A «Archeologia Christã», cujo estudo bibliographico o *Independente* faz n'outro lugar, extractamos, com a devida venia, o que o sr. Albano Bellino escreve a respeito da *Gruta-Ermita de Nossa Senhora da Penha e do Monumento a Pio IX*:

«Sobranceira á cidade de Guimarães ergue-se a magestosa a serra de Santa Catharina, com 616.98 de altitude sobre o nivel do mar, assim denominada por possuir, desde tempos remotos, no ponto mais culminante, uma capellinha da mesma invocação, com um pulpito curioso, portatil, em fórma de calice, muito apreciado quando esteve exposto no museu da Ordem Terceira de S. Francisco.

Entre elevados penedos que, pela sua disposição curiosa, formam ampla gruta ermita, venera-se a imagem de Nossa Senhora do Carmo, denominada da Penha, em altar proprio, com mais dois lateraes e ainda um pulpito e uma saceristia!

Sobre esta gruta concluiu-se a 18 de julho de 1881, a capella relicario, que a gravura supra representa.

Ao seu lado esquerdo vê-se uma torre acastellada, de cujas ameias se descobre um horizonte vastissimo.

Esta obra concluiu-se no sabbado 13 de outubro de 1888, com a collocação dos 4 sinos afinados que a classe dos curtidores mandou fundir pela quantia de 422:000 réis na fabrica portuense do sr. Alexandre Antonio Leão, os quaes chegaram á estação de Guimarães no comboio das 10 horas da manhã de sabbado 1 de setembro do referido anno.

Pezam 546 kilos assim distribuidos: — Dó—206; Ré—150,500 gram.; Mi—104,800 gram.; Fá—84,700 gram.

Além das moedas e jornaes d'aquelle tempo, tambem ficou sob a primeira pedra da torre uma chapa de metal amarello com os nomes dos membros da meza d'aquelle anno, da qual fazia parte o auctor d'estas linhas, então presidente da primeira commissão promotora de melhoramentos no local.

Essa commissão, composta de 55 individuos, organisou-se a 29 de agosto de 1886, trabalhando dedicadamente durante os dois primeiros annos em que levou a effeito a obra da escadaria dos passos, construcção de muros, terraplenagem e arborisação do largo e encanamento da agua a 13 de junho de 1887. Os seus nomes, que teem jus á gratidão geral, constam da *Aurora da Penha*, numero unico publicado em 29 de agosto do referido anno de 1887.

A 17 de julho de 1881 organisou-se a commissão promotora do monumento que se erigiu a Pio IX no ponto mais elevado, sendo-lhe lançada a primeira pedra pelo Arcebispo D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa, á 1 hora da tarde de 18 de junho de 1882. A inauguração solemne do monumento teve logar a 8 de setembro de 1893. A's 10 horas da manhã d'este dia foi benziada pelo Arcipreste a capella relicario.

Fº octogonal o pedestal, medindo 10 metros d'alto por 5 de largo. As saliencias do cor-

nijamento são desenvolvidas a ponto de no projecto se lhe destinar uma varanda com accesso por escada interior.

A primorosa estatua, de 5 metros de altura é, como a da Virgem de Lourdes que lhe fica proximo, esculpturada em marmore de Carrara, e ambas no valor de 5:000:000 foram offerecidas pelo benemerito Fernando de Castro Abreu Magalhães, servindo de intermediario o entusiasta dos melhoramentos da Penha sr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães.

A estatua representa Pio IX a abençoar, tendo na mão esquerda a Bulla em que proclamou a immaculada conceição da Virgem. No cofre collocado sob a primeira pedra do templo em construcção ficou uma lamina com os dizeres seguintes

«Anno de 1895. Reinado de D. Carlos Primeiro e Pontificado de Leão XIII. Sanctuario da Immaculada Conceição erecto pela cidade de Guimarães e catholicos portuguezes. Primeira pedra lançada a 8 de setembro pelo D. Prior de Guimarães D. Manuel d'Albuquerque».

Em 1898, a Commissão de melhoramentos teve a feliz lembrança de fazer levantar a planta geral do parque, mas... as grandes obras projectadas não permittem que se effectuem cedo.

A MORTE DO DELPHIM

O Delphinsinho está doente, o Delphinsinho vae morrer..

Em todas as igrejas do reino o Santissimo está exposto noite e dia e perpetuamente ardem vellas implorando a sua cura.

As avenidas da velha residencia real, estão tristemente silenciosas. os sinos callaram-se e os trens seguem a passo...

Junto do palacio a burguezia curiosa olha atravez das grades, para os archeiros de collete doirado, que conversam nos pateos com ares de importancia.

Todo o castello está em afflicção... camaristas, mordomos sobem e descem correndo as escadarias de marmore..

As galerias regorgitam de aulicos e pagens que andam de grupo em grupo, interrogando-se em voz baixa... damas de honor lacrimozas, complimentam-se enchugando os olhos em lindos lenços bordados.

Na estufa, ha uma numerosa conferencia de medicos. Atravez dos vidros veem-se as suas mangas negras que se agitam e as suas cabelleiras que se inclinam em mesuras doutoraes.

O aio e o escudeiro do Delphinsinho deante da porta esperam as decisões da aculidade. Do fundo, do lado das ca-

vallariças chega um longo e triste relinchar.

E' o alazão do principe, esquecido dos palefreneiros, que chama deante da manjedoura vazia.

E o Rei? Onde está S. Magestade?... O rei fechou-se sosinho num quarto, no extremo de Castello.

As magestades não gostam que as vejam chorar.

A rainha essa sentada á cabeceira do Delphin, tem o rosto lindo banhado de lagrymas e soluça bem alto deante de todos.

No seu leitosinho de rendas o Delphin mais branco do que as almofadas sobre que está estendido repousa com os olhos fechados.

Mas não dorme...

Voltando-se para sua mãe e vendo-a a chorar diz-lhe:—Rainha, minha senhora, porque choras? Tambem acreditaes, como os outros que eu vou morrer?»

A rainha quer responder mas os soluços impedem-na.

—Não choreis, minha senhora, esqueceis-vos de que sou o Delphin e os Delphins não podem morrer assim.

A rainha chora com mais força e o Delphin começa a aterrar-se.

—Olá, não quero que a Morte venha agarrar-me e hei-de impedil-o.

Já quarentalansquenetes para me guardarem o leito. Que cem canhões noite e dia esperem de morrão acceso debaixo das janellas. Desgraçada da Morte se ousa aproximar-se!

Para não affligir a real creança a rainha faz um signal; logo se ouvem os canhões que rolam no pateo e 40 lansquenetes que de espada em punho se dispõem em volta da camara. São velhos soldados de bigodes brancos. O Delphinsinho bate as palmas ao vel-os e reconhece um que chama:

—Loreno! Loreno!

O soldado avança um passo.

—Eu gosto muito de ti meu querido Loreno. Mostra-me o teu sabre. Se a Morte quizer levar-me, mata-a?

Loreno responde:

—Sim meu senhor; e duas lagrymas rolam pelas suas faces queimadas.

N'este momento o capellão aproxima-se do Delfim e falla-lhe muito tempo em voz baixa, mostrando-lhe um crucifixo. O Delfim escuta-o muito admirado e de repente interrompe-o. —Perfeitamente, sr. capellão, mas o meu amigo Beppo, não pode morrer em meu logar, dando-lhe muito dinheiro?

O capellão continua a fallar-lhe em voz baixa e o Delfim cada vez mais se admira.

Quando o capellão termina, o Delfim suspirando, responde:

—Tudo, isso é bem triste e o que me consola é que lá em cima no paraíso estrellado, vou ser ainda o Delfim... Sei que

Deus é meu primo e não deixará de tratar-me com os respeitoos que me são devidos...

Depois acrescenta voltando-se para sua mãe:

—Tragam-me o meu melhor vestido: O meu perponço de herminia branca e os meus barzeguins de velludo. Quero parecer bem aos anjos e entrar no ceu vestido de Delfim.

Uma terceira vez o capellão se curva sobre elle fallando-lhe em voz baixa... No meio da sua falla o Delfim interrompe-o colerico.

—Mas então ser Delfim não vale nada! e sem querer ouvir mais nada volta-se para a parede e chora amargamente.

Alphonse Daudet

Reorganisação do exercito

Acaba de ser publicada a nova reorganisação do exercito. Pelos extractos publicados nos jornaes de Lisboa conclue-se que os regimentos d'infanteria são constituídos por 3 batalhões e cada batalhão por 3 companhias. Ha regimentos que tem os terceiros batalhões destacados. E' um d'esses o nosso regimento d'infanteria n.º 20. D'este regimento ficam 2 batalhões em Guimarães.

Ora tendo cada batalhão 3 companhias ficam em Guimarães 6 companhias; e havendo actualmente só 4 são augmentadas duas e com ellas os respectivos quadros que alem de um major, são dois capitães e quatro subalternos. O terceiro batalhão fica em Penafiel onde actualmente está a séde de um regimento de artilheria, localidade que em tempo teve o regimento d'infanteria n.º 6 para o qual construiu expressamente um quartel.

N'alguns regimentos os districtos de recrutamento e reserva não ficam na séde dos regimentos de infanteria. Por isso o nosso districto de recrutamento e reserva vae para Amarante. Embora não seja ainda conhecida qual é a constituição dos districtos de recrutamento e reserva póde-se affirmar que as recrutas d'aqui não vão a Amarante porque as juntas de inspecção percorrem os concelhos, e é nas cabeças de concelho que se fazem as inspecções. E' uma cousa semelhante ás inspecções de reservistas que tambem são feitas nas sédes dos concelhos.

Portanto a guarnição de Guimarães é augmentada, os recrutas d'aqui são aqui inspecionados e aqui incorporados.

Ha porem um facto a attender. O quartel não tem accomodações para as 6 companhias. O que succederá? Não podemos prevér. Porem o que se impõe é a construc-

ção de um quartel em condições para não succeder como na epocha da instracção dos reservistas que é necessario alojal-os na Escola Industrial! Ou se construe o quartel com as accomodações precisas ou o regimento por falta de aquartellamento póde ser transferido para outra terra. Amarante offereceu um quartel para um regimento d'infanteria e tendo lá o districto de recrutamento e reserva será a herdeira de Guimarães, caso aqui não possam ser alojados os dois batalhões.

A' camara municipal cumpre estudar n'este caso e dar-lhe sulueção.

CANTIGA POPULAR

Habituei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Já não sei quaes são os meus.

Parabens

Desde hoje a 11 do corrente fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:
Dia 3—D. Eliza dos Anjos Fernandes.

» 4—D. Lucinda Olympia da Costa Rocha.

» 7—D. Clotilde Gongalves Ribeiro.

» 11—D. Adelaide Sophia Monteiro de Meira.

» »—D. Maria da Conceição Teixeira Aguiar.

» »—D. Maria Candida Mendes de Freitas.

E os ex.^{mos} snrs:
Dia 1—Dr. Pedro de Barros Rodrigues.

» 6—Joaquim Penafort Lisboa.

» 8—Conde de Margaride.

» »—Dr. Antonio Rodrigues Leite da Silva.

CORREIO DAS SALAS

Afim de passarem as festas do Natal com sua ex.^{ma} familia, encontram-se n'esta cidade os nossos estimados conterraneos srs. drs. Alvaro e Francisco Basto, illustres lentes da Universidade.

Os nossos cumprimentos.

Está ente nós o sr. José Luiz de Pina, distincto professor de desenho do Lyceu de Villa Real.

Encontra-se entre nós o sr. João de Meira, intelligente alumno da Escola Medica do Porto.

Acha-se restabelecida dos seus incommodos a ex.^a sr.^a D. Maria Mattos, esposa do sr. José Corrêa de Mattos.

Vieram passar aqui as festas do Natal os srs. Arnaldo Queiroz e João Lindozo, illustres capitães d'engenharia; Duarte Arcias e ex.^{ma} esposa.

Já regressou de Lisboa o sr. Rodrigo José Leite Dias, estimado pharmaceutico d'esta cidade.

Parte brevemente para Torres Novas o nosso sympathico amigo sr. Alberto Margaride, distincto aspirante a official de cavallaria.

Já regressou do Porto o alferes-thezourero do regimento 20, sr. Luiz Loureiro.

Veio aqui passar as festas do Natal com sua ex.^{ma} familia o nosso conterraneo sr. Avelino Monteiro, deputado pelo Porto e distincto 1.º tenente da armada e immediato da Corveta Estephania.

Já se ausentou o nosso distincto patricio dr. José Motta Prego—deputado da nação.

Deve regressar amanhã a Elvas o nosso sympathico amigo sr. dr. Albino Gomes, distincto medico militar do regimento de caçadores 4.

Continua no mesmo estado de saude a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Infante, estremecida filha do nosso bom amigo sr. Joaquim Pedro Infante.

Está completamente restabelecida a ex.^{ma} sr.^a D. Emma Sam Ranao, entenda do sr. dr. Pedro de Barros Rodrigues.

Tem estado n'esta cidade o nosso estimado assignante sr. Luiz Ribeiro Martins da Costa, da casa do Sobrado (Povoa de Lanhoso).

Hospedado em casa de seu sogro, o sr. barão de Pombeiro, tem estado entre nós o sr. Luiz Fernando Coelho Mexia, 2.º aspirante da Alfandega do Porto.

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa regressou na sexta-feira passada a esta cidade o sr. José da Silva Guimarães.

Hospedado em casa de seu sogro o nosso presado amigo o sr. José Ribeiro Martins da Costa encontra-se o sr. Joaquim Lindozo e sua ex.^{ma} esposa e filha.

EXPEDIENTE

Por sair com Spagninas o presente n.º do nosso jornal de hoje, o proximo n.º do Independente só se publicará no dia 12 do corrente.

Telegraphia... sem fio

Lisboa, 31 de dezembro. Dizia-se hoje na Arcada que Guimarães teria tambem um esquadrão de cavallaria.

Tudo por causa da alta influencia do sua excellencia.

Vacca-Negra—31 (antes de sair o pastor da cabana) E' grande numero pretendentes logar chefe apadeiro Covas. A' unha gente de fora.

Porto, 31

(á boquinha da noite)

Partiu para Barroso o sr. Antonio de Moura, a contratar bois para ajudar comboyo subida Magdalena.

Eh!... malhado.

Lisboa, 31

Diz-se que ministerio está a calhar... de podre.

Digam ao Silva Guimarães Junior que se chegue aos bons quanto é tempo, senão soffre brevemente um grande abalo.

"Independente,"

Foi de 1000 exemplares a tiragem do ultimo numero do Independente.

NOTICIARIO

Missa nova

Celebrou a sua primeira missa, no passado dia 26 de Dezembro, o rv. dr. Aarão Pereira da Silva, filho do sr. Antonio Pereira da Silva, negociante, d'esta cidade.

O Padre Aarão, alumno laureado do 5.º anno de Theologia, na Universidade de Coimbra, modesto, como é, não quiz pompas nem estrondosas manifestações de regosijo na sua festa; por isso escolheu, para celebrar, pela primeira vez, o Santo Sacrificio, a capella da Senhora Madre de Deus, (Capuchinhas) onde pelas 10 horas da manhã estavam reunidos seus extremos paes e irmos, alguns dos seus parentes e amigos e muitos fies, com o fim de assistirem ao religioso acto e to'ante cerimonia da primeira missa. O neo-presbytero subiu ao altar, tendo por padrinhos os srs. José André Rodrigues de Carvalho e Francisco Antonio Peixoto de Lima, e mestres de ceremonias os rev.^{os} José Sampaio, digno capellão das Capuchinhas e Gaspar Roriz. As lavandas foram ministradas pelo pae do celebrante e seu irmão Abel, segurando a toalha as suas duas irmãs mais novas. O silencio que reinava no templo, repleto de fies, era, de quando em quando, quebrado pelos suavissimos canticos das religiosas, que punham na simplicidade d'aquelle acto uma nota festiva d'um mysticismo doce e suave.

Terminada a missa, principiou o beija-mão. As sagradas mãos do novo ministro do altar foram ali ungidas com as lagrimas do puro affecto de seu pae, mãe e irmos.

Seguiram-se os parentes, srs. Domingos Marques (tio), Antonio José da Silva Basto, drs. Francisco e Alvaro José da Silva Basto, lentes da Universidade, (primos), religiosas Capuchinhas, muitos cavalheiros e damas, cujos nomes nos é impossivel mencionar.

O rev. dr. Aarão, seu pae e sua mãe foram muito cumprimentados pela numerosa e selecta assistencia.

Nós felicitamos tambem vivamente o nosso presado amigo, seus extremos paes; e as nossas felicitações são tanto mais entusiasticas, quanto é certo que o rev. dr. Aarão Pereira da Silva será, pela sua intelligencia e pelo seu comportamento irreprehensivel, gloria de sua familia e honra da sua classe.

Parabens e... ad multos annos.

Dr. Gaspar d'Abreu

Deixou a direcção politica do nosso collega «O Progresso», o sr. dr. Gaspar d'Abreu.

Dr. Leal Sampaio

Em companhia de s. exc.^{ma} esposa encontra-se na sua casa em S. Christovão de Cabedulos (Famalicão) onde foi passar as festas do Natal, o sr. dr. Antonio Vicente de Leal Sampaio, muito digno Delegado do Procurador Regio, n'esta comarca.

Hospedes illustres

Hospedadas no palacete da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Sarmiento, encontram-se em Guimarães as Ex.^{mas} Sr.^{as} Viscondessa de Pindella e sua irmã D. Anna.

Dr. Affonso Costa

Esteve ante-hontem entre nós o sr. dr. Affonso Costa, illustre professor da Universidade.

S. exc.^a veio a esta cidade tratar de negocios da sua profissão de advogado, retirando-se no mesmo dia para o Porto.

Secretario da camara

Em conformidade com o disposto no art.º 1.º do decreto n.º 3 de 10 de janeiro de 1895, foi nomeado secretario da camara municipal, d'este concelho, o sr. José Maria Gomes Alves, que era empregado addido da camara da vizinha cidade de Braga.

Segundo nos dizem o novo secretario é um funcionario distincto e intelligente.

Os nossos cumprimentos.

Academia Vimaranesense

Consta-nos que os estudantes do nosso Seminario Lyceu vão brevemente a Braga pagar a visita que ultimamente lhe fizeram os seus collegas d'aquella cidade.

Anniversario funebre

Passou no sabbado ultimo o 3.º anniversario do fallecimento do respeitavel antistite bracharense D. Antonio José de Freitas Houorato.

Por esse motivo celebram-se amanhã exequias solennes na cathedral da vizinha cidade de Braga, sob a presidencia do Rev.^o Arcebispo Primaz.

Cães hydrophobos

Na semana passado appareceram em S. Torquato, vindos da freguezia d'Athães, 2 cães hydrophobos que foram abatidos a tiro d'espingarda sem que felizmente causassem alguns estragos.

Chamamos a attenção do sr. administrador do concelho para as medidas preventivas que os regulamentos de saude pccnaria prescrevem sobre o assumpto.

Domingos Martins (Agra)

Regressou a Lisboa no sabbado passado o nosso illustre conterraneo sr. Domingos Martins da Costa Ribeiro.

O nosso presado amigo seguiu no comboio das 11 e 40 minutos da manhã, indo á estação do caminho de ferro despedir-se de s. exc.^a além de diferentes pessoas de familia, muitos dos seus numerosos amigos.

Eduardo Almeida

Tomou posse no dia 24 do mez passado do cargo de correspondente do Banco de Portugal n'esta cidade, para que foi ultimamente nomeado, o sr. Eduardo Manoel d'Almeida, conhecido e honrado industrial d'esta praça.

Ao nosso estimadissimo amigo enviamos os nossos parabens.

General Sequeira

Encontra-se doente o sr. Thomaz Julio da Costa Sequeira, illustre general reformado, tendo soffrido ha pouco a operação da Melotomia e cura radical de uma hernia inguinal extrangulada na qual foi operador o distincto clinico dr. Pedro Guimarães, auxiliado pelos seus collegas drs. Albino Gomes, Avelino Germano, Domingos de Araujo e Joaquim José de Meira.

A operação correu admiravelmente pelo que felicitamos operador e operado ao qual desejamos as mais rapidas melhoras.

Offerta

A Exc.^{ma} esposa do sr. General Chaby offereceu a N.^a S.^a, Padroeira do Reino, no dia da Festa da Immaculada Conceição, uma rica saia de bretanha de linho com rendas e outros enfeites.

Ordens ecclesiasticas

Foram conferidas ordens de diacono aos srs: Antonio José da Silva Gonçalves, da freguezia de S. Lourenço de Sande, e Antonio da Costa Pereira Guimarães, da freguezia de S. Pedro d'Azorem.

De presbytero aos srs: Manoel da Costa Gomes, da freguezia de Castellões, e Manoel Joaquim Marques, da freguezia de S. Claudio do Barco.

Espectaculo

Um grupo de estudantes tencionam realisar no dia 2 do proximo fevereiro um spectaculo no theatro de D. Affonso Henriques, cujo producto, segundo nos consta, será para custear algumas despesas feitas com as festas de S. Nicolau.

Menino Deus

Realisou-se na passada quarta-feira, com todo o brilhantismo, na igreja de S. Domingos, a festividade em honra do Menino Deus. De tarde houve exposição e sermão pelo intelligente orador sagrado reverendo sr. Gaspar da Costa Roriz.

Caridade

O sr. Francisco Raymundo de Souza Guize, digno director das cadeias d'esta cidade, recebeu os seguintes doativos com que algumas pessoas caridosas, para commemorar as festas do Natal, contemplaram os encarcerados:

Um anonymo, 200 réis para um prezo e mais 200 réis para repartir com os restantes; padre Bento Rodrigues, castanhas o mais 500 réis; Augusto Mendes da Cunha, 500 réis; Joaquim Alfredo Ferreira Leite, 15000; viuva Ovellinha, 11 duzias de pão de trigo; Manuel José de Carvalho, 2 grandes bacalhans; Domingos de Souza Junior, 1 bacalhan e 1 cartucho com fíggo, para cada preso; Silvestre Gomes Teixeira, 3 garrafas de vinho fino e uma ceica com figos e biscoitos; Antonio Fernandes da Silva Braga; uma garrafa com vinho fino e biscoitos; João Fernandes de Mello, com a mesma intenção, 45000 réis; Bernardino Ferreira Cardoso Guimarães, 500 réis; Bento dos Santos Costa, 15500 réis; D. Prior Manuel d'Albuquerque, 15500 rs; legado que é obrigada a dar a Santa Casa da Misericórdia, réis 55000; Candido José de Carvalho, 100 réis; Redacção do *Commercio de Guimarães*, 500 réis; dr. delegado, Antonio Vicente Leal Sampaio, 15500 réis; do mesmo senhor que lhe entregou um anonymo, sendo duas terças partes para os presos da enxovia, 55000 réis; Antonio José da Silva Ferreira, 200 réis; Simão da Costa Guimarães, 500 réis; dr. Adelino Pinto Tavares Ferrão, 95000 réis; Elias da Silva Machado, 500 réis; viuva de Manuel Pinheiro Guimarães, por intenção do fallecido, 25500 réis; um anonymo, da freguezia de S. Torquato, 800 réis; marquezia de Lindoso, 25500 réis; Joaquim Pereira Mendes, 15000; D. Delfina do Amaral Ferreira, 200 réis; Antonio Peixoto de Mattos Chaves, 500 réis; dr. Henrique Margaride, 25500 réis; D. Erminia Sophia de Vasconcellos Collares e Santos, rs. 15500; Antonio José Peixoto da Costa, 500 réis; Balthazar Antonio, 15800 réis; padre Antonio Monteiro, 300 réis.

Aos nossos collegas

Agradecemos a todos os nossos collegas da Imprensa as palavras d'amizade e boas vindas com que nos tem distinguido.

Fallecimentos

Falleceu ultimamente n'esta cidade a menina Lucinda da Rocha, interessante filha do sr. Alvaro Rocha, intelligente guardalivros do Banco Commercial de Guimarães.

A infeliz creança morreu na primavera da vida, pois pouco mais contava de 13 annos de idade.

O nosso cartão de profundo pesar á familia enlutada.

Tambem falleceu na cidade do Porto a exc.^{ma} sr.^a D. Antonia Candida Gonçalves Garcia, cunhada do nosso estimado conterraneo sr. Joaquim Ferreira dos Santos, a quem enviamos o nosso cartão de sentimentos.

Legado

A Meza da V. O. T. Dominica, d'esta cidade, distribue no dia 10 do corrente a 2 pobres da freguezia de S. Thomé d'Abbação, d'este concelho, egual numero de vestuarios. Este legado foi instituido pelo rev.^o Francisco José Rodrigues Candido, parcho que foi d'aquella freguezia, sendo com a obrigação d'aquella mesma V. O. mandar dizer uma missa na igreja de S. Pedro, d'esta cidade, e á qual devem assistir os contemplados.

Será celebrante o rev.^o Antonio Pereira Mendes, digno Mestre-Director da mesma Ordem.

Consorcio

Realisou-se no passado dia 14, em Lisboa, o enlace matrimonial do sr. José da Silva Guimarães, considerado e estimado negociante d'esta praça, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ercilia Leite Mendes, filha do importante capitalista sr. José Machado Mendes.

Aos sympathicos noivos foram offerecidas muitas prendas de subido valor.

Os nossos sinceros parabens e uma prolongadissima lua de mel.

O «Caravella»

Pergunta-se por ahí quem autorisa um tal «Caravella» a fazer prisões e coisas semelhantes. A algum ouvimos nós que este *cablo d'ordens* oedece ao mandado do sr. dr. Motta Prego, e ha tambem quem diga que está ás ordens do sr. Oliveira, da Oliveira.

Que diz a isto o sr. administrador do concelho?

Carta anonyma

Recebemos uma carta anonyma a perguntar-nos porque são tão pouco vellozes os comboyos do sr. Vellozo.

Não é nosso costume responder a anonymos, mas abrimos uma excepção para dizer ao nosso interrogador que entre Vellozo e veloz ha um O de differença.

Para rir

Um caixaero vae receber uma conta a casa d'um devedor remisso.

—Peço-lhe encarecidamente, que me pague, diz o caixaero, o patrão affirmou-me que me punha no olho da rua se eu não recebesse esta conta.

—Pobre rapaz! Como eu tenho pena de você! Bem se vê que o patrão está com pouca vontade de o ter em casa.

Um artista celebre pelo talento e pela avareza foi ouvir um sermão de quaresma, cujo thema versava sobre a caridade.

Que te pareceu? perguntou-lhe um amigo.

—Admiravel, esplendido, divino, sublime! Este prégador falla tão eloquentemente da caridade, que dá vontade á gente... de pedir uma esmola.

Cautella

Os gatumos tem andado muito desenfreçados.

Cautella, pois!

Reiseiros

Um grupo de *amadores dramaticos* dos lados de Santo Thyrsó, a convite não sabemos de quem, deu no dia 25 do mez findo um spectaculo no salão da Associação Artistica Vimaranesse.

As pobres *figuras* foram victimas de trinta mil judiarias por parte d'alguns espectadores o que mereceu a censura das pessoas serias que alli se encontravam. E realmente são dignos de censura todos aquellos que procederam menos correctamente para com os pobres diabos que senão fizeram rir tambem não fizeram chorar.

Piadas admittem-se, mas piadas que não magoem. Um espectador, não sabemos quem, tão pouco generoso para com individuos de fora da terra, atirou com um pedaço de madeira para o palco que, talvez propositadamente, acertou em pleno peito do personagem que fazia de *diabo grande*.

A culpa cabe a quem convidou os pobres lavradores a virem aqui representar, sabendo como são quazi todos os spectaculos na Associação Artistica.

A pessoa que alli se achava a representar o sr. administrador do concelho devia ter tido a prudencia de mandar terminar o spectaculo.

Como não o fez levou a crêr que teve medo ás piadas.

Erratas

Na chronica do n.^o 7 do nosso semanario saíram algumas faltas que é mister remediá-las.

Na 2.^a columna, linhas 51, onde se lê *interrogava*, deve-se lêr *enterrava*; na mesma columna, linhas 74, onde se lê *danças macabras*, deve-se lêr *danças macabras, a pinoiar*; e na 3.^a columna, linhas 23, onde se lê *empregár*, deve-se lêr *emprega*.

Estudantes

Encontram-se entre nós todos os academicos nossos patricios que frequentam as escolas superiores do paiz.

De Coimbra: Aarão Pereira da Silva, Alberto Ribeiro Jorge, Alberto Rodrigues Ferreira da Silva, Alfredo Pimenta, Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio, Antonio Maria do Amaral e Freitas, Belmiro da Cruz Leite, Eduardo d'Almeida Junior, Gonçalo Bourbon Sampaio, Gonçalo Monteiro de Meira, Jeronymo Gonçalves d'Abreu, João Rocha dos Santos, José Joaquim d'Oliveira Bastos, José Lopes de Mattos Chaves, José Maria Leite, Luiz Augusto de Freitas, Luiz Ribeiro Martins da Costa, Manoel Bernardino d'Araujo Abreu e Manuel Motta Prego.

De Lisboa: Amadeu Avelino da Costa Freitas, Antonio Fernandes Braga, Antonio Garcia de Souza Ventura e Gaspar Mascarenhas.

Do Porto: Adelino Ribeiro Jorge, Alberto José Maria da Silva Carneiro, Alfredo Peixoto, Fernando Gilberto Pereira e Joaquim da Cunha Machado.

Ao sr. Leão

O «Independente» tem a responder aos chascos do sr. Leão d'Arca, gosmados em correspondencia de 27 do passado mez, que se não tomou d'inveja nem pela sua

bem apessoada figura, nem pelo seu lustruoso talento.

O «Independente» sabe de sobejo como essas duas qualidades se adquirem já afilando o bigode com cera *moustache*, já lustrando o cerebro com leituras do «Noticias» especie de graxa Parole para botas intellectuaes.

O «Independente» pode ainda, como uza dizer-se, ver uma camisa lavada a um collega; e que não podesse, não era decerto a roupa suja do sr. Leão que o faria remorder-se...

Inveja do sr. Leão por estimar o dr. Affonso Costa tem graça.

Mas se s. s.^a não tem o monopolio da estima o «Independente» pode tambem prezar o illustre doutor, e se o não tem feito até agora é porque não tem tido vagar.

O «Independente» tem a dizer ainda que se não mette mais com o Joven Leão visto que o Senhor d'Arca lhe não dá a confiança de se metter com elle; somente para terminar, lhe lembra que tem em seu poder uma carta onde s. s.^a pede publicidade para um acrostico e onde parece ajuizar regularmente da redacção.

O sr. Leão reformou depois o seu juizo ao que parece.

E' muito atreito a reformas de pensar s. senhoria.

Com entradas d'esta especie, verdadeiras entradas de sendeiro é de esperar que ao invéz do dictado e honrando o appellido, o sr. Leão, nos dê sahidas de Leão.

Só isto.

O Roubo de Campellos

Ainda se conservam nas cadeias d'esta cidade alguns dos individuos implicados no roubo feito na fabrica de Campellos.

Noticias militares

Por ter sido nomeado para fazer parte dos conselhos de guerra da 3.^a Divisão, o sr. tenente coronel do 20 Agostinho d'Abreu Machad Antas, marchou em 27, o mesmo sr. para o Porto, sendo substituido no commando do regimento, pelo sr. major do 2.^o batalhão José Augusto d'Abreu Amorim Pessôa.

Sob a presidencia do sr. capitão do 20 Antonio Augusto d'Oliveira Guimarães, reuniu o conselho de disciplina regimental, do mesmo regimento, composto do sr. capitão Zeferino Candido de Castro Caria e dos srs. tenentes Rodrigo Queiroz, Duarte do Amaral, Alcino Machado e Gaspar Villas, afim de julgar um soldado do 2.^o batalhão, sendo o julgamento addiado a requerimento do promotor da justiça.

Apresentou-se ha dias no commando militar d'esta cidade, o tenente medico de caçadores 4.º sr. Albino Joaquim Gomes.

Tem estado doente em Barcellos o sr. tenente do 20 [2.^o batalhão] Balthazar José Ferraz.

Declarações d'um capitão, de Barcelona

O Sr. D. Agostinho Ledesma, capitão do exercito, morador, Rambla de Catalunya, n.º 72. Barcelona, manda-nos uma interessante comunicação, quanto ao estado de saúde da senhora, que soffria de grande anemia e a quem nenhum remedio alliviara; tomara todos os medicamentos imaginaveis, mas sem resultados.

E a anemia molestia terrivel e de difficil cura, logo que se ache já arreigada. Mui poucos remedios ha efficazes, para taes casos.

A causa da anemia reside na pobreza do sangue, que empallidece, ao perder os globulos vermelhos e, occasiona diminuição de forças. Foi o que se deu com a sr.ª Ledesma, como nol-o diz a carta de seu marido:

«Já lá vão alguns annos que minha mulher estava soffrendo d'uma pronunciada anemia. Rosto pallido, labios descórados, para nada tinha gosto, e a miúdo queixava-se de cansaço. A meza a simples vista da comida causava-lhe tedio. A passeio cansava logo e sobrevinham dôres nos hombros e nas costas, difficuldade na respiração, suffocações, que a impossibilitavam de andar. Desesperava já da cura, e nenhum medicamento prestara para coisa alguma, quando providencialmente tomou as pilulas Pink.

Surprehendentes foram os resultados. Desappareceram as dôres excruciantes, voltaram-lhe as linas côres e o appetite.

Com as pilulas Pink, que reconstituem o sangue, obtem-se a cura completa da anemia, chlorose, neurasthenia, irregularidade nas poccas das senhoras, fraqueza geral por excessos nos homens, danço de São Guido e rachitismo das crianças.

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente todas as informações relativas ás pilulas Pink, que forem pedidas aos ss. James Cassels & C.ª, no Porto.

As pilulas Pink foram oficialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saúde. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 15000 reis a caixa, e 58000 reis 6 caixas. Deposito geral para Portugal, James Cassels & C.ª, na Mourinho da Silveira, 85 - PORTO.

Participam que já receberam e tem á disposição as ultimas novidades d'inverno em tecidos de lã e seda, Veludos, confeções, capas, pellerines etc.; e resolveram liquidar com grandes abatimentos as seguintes fazendas:

Fazendas de lã para vestidos a 240, 320, 360, 450 e 500 réis.

Chitas percaes a 100 réis o metro. Flanelas d'algodão a 110 e 120 réis o metro. Cachenez de merino escuro (1 metro) a 750 réis. Camisolas de lã para senhora a 13000 e 18200 réis. Lenços de malha desde 300 réis. Fcharpes de malha desde 200 réis. Lenços de seda sortido completo desde 600 a 1800 réis.

SALGADO & C.ª

GUIMARÃES

Albano Bellino

ARCHEOLOGIA CHRISTA

Descripção historica de todas as egrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães.

Publicação commemorativa do Jubileu Universal do Anno Santo, illustrada com 66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notaveis das duas cidades do Minho.

Cada exemplar, com 300 paginas, 1:000 réis.

A venda na tabacaria

DE

Augusto Ignacio da Cunha Guimarães

Rua da Rainha—GUIMARÃES

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

Grande romance historico

Illustrado com esplendidas gravuras e chrommas

A primeira caderneta contem 24 paginas in 4.º, papel superior, com 5 gravuras e vinhetas, e um lindo chromo a côres.

O melhor romance historico, e mais bem illustrado, em distribuição

Um primoroso brinde aos assignantes

UM QUADRO REPRESENTANDO A

VISTA DE COIMBRA

Cadernetas semanaes de 24 paginas, illust.60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas300 "

Pedidos de assignatura á

Livraria Editora

Guimarães, Libanio & C.ª

108; Rua de S. Roque, 110— LISBOA

E n'esta cidade ao correspondente da Empresa, onde tambem se distribuem prospectos

Augusta Ignacio da Cunha Guimarães

Rua da Rainha

GUIMARÃES

LARGO DE FRANCO CASTELLO BRANCO

CASA ALLEMÁ

O proprietario da CASA ALLEMÁ pede ás suas ex.ªs freguezas a firmeza de visitarem o seu estabelecimento commercial para melhor admirarem as mais recentes novidades em confeções para vestidos e chapens para a presente estação de inverno.

GUIMARÃES

ANNUNCIOS

HOSPEDARIA TRAZ DE S. PAIO (ANTIGA DA ROSINHA)

ESTA popular e acreditada casa d'hospedes acaba de ser notavelmente melhorada, não só com relação aos seus confortaveis e hygienicos aposentos, como tambem ao esmerado e cuidadoso serviço culinario.

Para responder ao favor publico, a dona da hospedaria conseguiu adquirir as mais finas qualidades de vinhos verdes tanto tinto como branco, não só das melhores procedencias d'este concelho como de Basto, havendo nos baixos do predio uma loja adquada á prova e venda avulsa dos vinhos verdes e maduros sendo estes de excellente qualidade, aos preços de 80, 120 e 160 reis de mistura com as saborosas beboras e figos do Douro. Uma delicia!

Tambem alli encontra o publico a excellente Geropiga do Douro e o magnifico polvo fescal, chegado ultimamente.

Seriedade e preços sem competencia.

ATELIER DE COSTURA

BIBLIOTHECA MODERNO ESTYLO

Albums—Album do Centenario da India, 118 gravuras, 1\$000 réis; Album do «Pimpão», 2 gravuras, 50 réis cada.

Musicas com letra, para piano—Ave Maria, 500 réis; O Fado do «Pimpão» 300 réis; Sobre o Mar, 300 réis.

Livros, em prosa—Aventuras do sur. Cryptogamo, 200 gravuras, 200 réis; Comidas Leves, 500 réis; De Bom humor, 500 réis; Bocadinhos d'ouro, 500 réis; Cinematographo, 500 réis; Leituras em camisa, 500 réis; Quadros da vida intima, 500 réis; Memorias d'un espelho, 200 réis.

Livros, em versa—Noite de nupcias, 300 réis; O banho da noiva, 200 réis; Na cama, 200 réis; O relógio d'uma elegante, 200 réis; O livro das creanças, 500 réis; Panorama, 500 réis; Mulheres... mulheres!, 500 réis; Musas traquinas, 500 réis; Noites de inverno, 500 réis; Gaiafices dos nossos avós, 400 réis; Canções e monologos (5 volumes), 500 réis; Tentação de Santo Antonio, 20 réis.

Quadros decorativos—Santo Antonio de Lisboa 400 réis; O baile da Opera, (pendant do antecedente) 200 réis; Na clareira do bosque, 200 réis; O dec.o, 500 réis; A reconciliação (pendant do antecedente), 500 réis; Na rede, 1\$000 réis.

Bilhetes postaes—Postaes de hors festas, a colleção de 32 bilhetes com poesias expressamente escriptas pelos nossos melhores poetas, 300 réis; Postaes de Carnaval, a colleção de 42 bilhetes, 400 réis.

Colleções de 50 bilhetes postaes, cuidados de surpreendentes e mimosissimas illustrações, em papel couché, 500 réis; Leda e o Cisne, 6 formosissimos postaes, impressos a cores, 400 réis.

Todos os livros acima annunciados são illustrados com grande profusão de magnificas gravuras, sendo muitos d'elles em papel couché. impressão de luxo, com reproduções de photographias artisticas, tiradas do natural. Remette-se qualquer das indicadas publicações para todos os pontos do paiz, incluindo Africa, a quem enviar a respectiva importância em notas ou sellos, á *Bibliotheca Moderno Estylo*, rua Formosa, 150 & 160, Lisboa.

A B C DO POVO

PARA APRENDER A LER

POR

Trindade Coelho

COM DESENHOS DE

Raphael Bordallo Pinheiro

Oitenta paginas luxuosamente illustradas

PREÇO DE CADA EXEMPLAR 50 RÉIS

PELO CORREIO 60 RÉIS

DESCONTOS PARA REVENDA

(Do A b c do Povo foram distribuidos de graça 10 mil exemplares)

TERCEIRO ANNO

1902

ALMANACK BERTRAND

Coordenado por *FERNANDES COSTA*

Antiga Casa Bertrand

JOSÉ BASTOS (editor)

LISBOA—73 Rua Garret, 75

PREÇO: Brochado 500
Cartonado 600

DEPOSITO

MERCEARIA



DE
POLVORA DO ESTADO

DE
JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

17—Rua de S.Damaso—19

Guimarães

Neste bem conhecido estabelecimento vende-se polvora do Estado dos seguintes preços: Latas P S F a 960 o kilo; pacote Princeps P F a 640 o kilo; pacote P G a 560 o kilo; pacote F F a 440 o kilo; epolvora de minas M M a 330 reis cada kilo.

Tambem alli os seus numerosos freguezes encontrarão todos os generos pertencentes ao seu negocio de mercearia, assim como tambem: sementes de hortaliça de todas as qualidades chegadas ha pouco a esta casa.

VINHO TINTO CONFORTAVEL
ENGARRAFADO

Por

Francisco José de Freitas

Mercearia, confeitaria e papelaria

Deposito da Companhia Vinicola

Rua da Rainha, 28—GUIMARÃES

PARA 1902

Almanack Illustrado

Do «SECULO»—(6.º anno)

Empreza do jornal «O SECULO» Rua Formosa LISBOA
Preço 120 réis Pelo correio, 140 réis

TYPOGRAPHIA DE

Albano Pires de Sousa

(ANTIGA SILVA CALDAS)

120—RUA DA RAINHA—122

GUIMARÃES

Impressão de bilhetes de visita desde 200 réis o cento; circulares, facturas, mappas, memoranduns, acções, cheques, envelopes, timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho e repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS, DESDE O MAIS PEQUENO AO MAIOR FORMATO

Preços de todas as obras sem competencia

CARIMBOS DE BORRACHA, METAL E MADEIRA